

# Economistas divergem sobre câmbio

214

O ponto mais forte do programa de estabilização, que é a âncora cambial, também já enfrenta críticas. A política do governo é manter uma valorização da taxa de câmbio (real valendo mais do que o dólar) e, desta forma colaborar com a estabilização porque os preços ficariam atrelados à taxa de câmbio.

Essa valorização é sustentada com uma forte entrada de capitais externos. Só que esse ingresso de dólares tem que ser dosado para não ameaçar o plano. Isso porque os dólares são trocados por reais obrigando o governo a fazer uma grande emissão de moeda, o que provoca inflação.

Para equilibrar essas contas, o governo estimula as importações, que seriam uma forma de retirar os reais da economia. A expectativa é de que essas importações sirvam para abastecer o país de máquinas e equipamentos para ajudar na produção e para equilibrar a oferta de bens, barateando o custo de vida do brasileiro.

Essa tese é o oposto do que os governos vinham praticando no Brasil em outros países da América Latina na década de 80, em que o objetivo da política econômica era produzir superávits comerciais cada vez maiores para honrar os pagamentos de juros da dívida externa. Agora, com a taxa de câmbio valorizada, a tendência é justamente de as exportações perderem fôlego e, com isso, o país ficar cada vez mais dependente de dólares do exterior.

Paulo Nogueira Batista Junior,



Werneck: receio que as últimas medidas de restrição ao crédito afetem mais a produção do que o consumo

da FGV-SP, acha que essa nova política pode ser muito perigosa porque os capitais internacionais são muito especulativos. O risco é de que com essa política, o país acabe perdendo divisas ficando depois sem condições de financiar suas importações, já que o fluxo de dólares pode ser interrompido.

Paulo Nogueira lembra que o déficit comercial argentino triplicou este ano e deve superar a casa dos US\$ 10 bilhões, alcançando a marca de 4% do Produto Interno Bruto (PIB) — tudo o que país produz. No México, o déficit previsto para 1994 é de US\$ 27 bilhões ou quase 7% do PIB.

Dionísio Carneiro avalia de outra forma. Na sua opinião, os capi-

tais internacionais são realmente especulativos, mas eles servirão como uma espécie de fiscais dos programas antiinflacionários. Os dólares, portanto, tenderão a correr para os países que tiverem melhor desempenho econômico.

“A volatilidade dos capitais tende a ser o grande fiscal dos programas macroeconômicos dos países. Eles vão desmascarar os desequilíbrios provocados pela atuação dos Bancos Centrais no mundo”, diz Carneiro.

Num ponto, pelo menos, os dois economistas, concordam: o pior que pode acontecer ao Plano Real é se transformar num Plano Cavallo. Quer dizer, se tudo der errado, pelo

menos, o Brasil ainda tem a opção de fazer uma política de câmbio fixo e de conversibilidade da moeda local, como foi feito na Argentina.

O economista Rogério Werneck acha que a situação no plano externo é preocupante, mas diz que não há riscos de o Brasil apresentar déficits em conta-corrente como México e Argentina. “O Brasil tem uma indústria muito mais vigorosa do que a desses dois países e os nossos exportadores são mais competitivos”, avalia o professor da PUC.

“Não se pode comparar com o Brasil a baixa capacidade de resposta do setor exportador argentino”.